

ESQUEMA (PARCIAL) DE ANTONIO CANDIDO

Leopoldo Waizbort

RESUMO

O artigo traça um esquema interpretativo parcial da obra de Antonio Candido, examinando aspectos menos salientes de sua trajetória intelectual desde meados dos anos 1940 até o período mais recente. Discutem-se assim as questões da "crítica integrativa" e da história literária em seus escritos, procurando aí indicar confluências importantes com a filologia românica alemã de Ernst Robert Curtius e Erich Auerbach. Aborda-se ainda a provável influência de Sérgio Buarque de Holanda em tais confluências, tendo em vista seu manifesto interesse naqueles autores e sua proximidade intelectual com Antonio Candido.

Palavras-chave: Antonio Candido; sociologia; teoria literária; filologia românica alemã.

SUMMARY

The article brings out a partial interpretive schema of Antonio Candido's work, examining less visible aspects of his intellectual path from the 1940's until a recent period. Thus, it discusses issues related to "integrative criticism" and literary history in his writings, seeking to reveal there important confluences with Ernst Robert Curtius' and Erich Auerbach's conceptions. It still approaches the likely influence of Sergio Buarque de Holanda in such confluences, considering his clear interest in those German authors and his intellectual closeness to Antonio Candido.

Keywords: Antonio Candido; sociology; literary theory; Ernst Curtius; Erich Auerbach.

Firmada de modo cada vez mais incontestável, a força intelectual de Antonio Candido de Mello e Souza tem sido investigada e discutida mais e mais, valorizada e reivindicada por vertentes variadas. Sem pretender furtar-se a esse processo, este texto pede ser considerado de acordo com seu título, como esquema e parcial. Parcial porque pretende indicar uma possibilidade, sem pretender o exclusivo e o completo, e esquema porque o faz de modo sintético, abdicando de desdobramentos que seriam necessários seja na apresentação, seja na demonstração. A justificativa para tanto seria firmar rapidamente um ponto ou aspecto, que ao final caberá ao leitor julgar. Do meu lado, isso permite colocar em debate uma conjectura, embora sem apresentá-la e discuti-la em todo o seu movimento.

Essa desconfiança pode ser inicialmente encaminhada nos termos do próprio Autor, em um texto sobre as "raízes indígenas de uma dança popular", o cururu, publicado em 1956 na *Revista de Antropologia*, de seu amigo Egon Schaden:

Todas as vezes que não temos dados seguros para conhecer as raízes de um traço de cultura, cabe a aventura intelectual da suposição, contanto que fundamentada em documentos idôneos e desenvolvida segundo os princípios lógicos da disciplina a que se liga o estudo. Assim, estaremos perto da verossimilhança, que é uma forma modesta e por vezes frutuosa da verdade (AC, 1956: 1, grifo meu¹).

Procurarei seguir essa diretriz, de modo a não ser injusto em demasia para com o Autor e suas idéias e ao mesmo tempo tentando revolver aspectos menos salientes de um percurso intelectual. Início com a conhecida tese de livre-docência de 1945, intitulada *Introdução ao método crítico de Sílvio Romero* (republicada como AC, 1945).

O estudo acerca do método crítico de Sílvio Romero é fundamentação para que Antonio Candido possa definir mais claramente, para si mesmo, a tarefa e o desafio da história literária que tem em vista por volta de 1945 e que se consubstanciará em *Formação da literatura brasileira*, publicado em 1959 mas redigido, em duas tiradas, entre 1945-51 e 1955-57. Note-se a continuidade das datas: a *Formação* começa a ser escrita logo após a conclusão da tese de livre-docência. No "Prefácio da 2ª edição" do livro sobre Sílvio Romero, de 1961, o Autor afirma que a tese vale sua republicação por "marcar o ponto de partida das posições críticas a que cheguei" (AC, 1945: 13); em 1961, essas posições estão concretizadas antes de mais nada na *Formação* e em alguns dos textos que seriam logo depois reunidos em *Literatura e sociedade* e *Tese e antítese*².

Então, se quisermos compreender como, em 1945, o Autor equaciona seu problema, vale o seguinte passo do "Prefácio à 1ª edição", firmado em maio daquele ano:

Do ponto de vista da estrutura, o presente trabalho comporta dois aspectos: discussão do problema crítico em Sílvio, ou aspecto puramente metodológico, e estudo da função cultural que exerceu, ou aspecto propriamente histórico. Pensamos que os dois aspectos se completam, e que a sua junção permite falar em trabalho de história literária, pois que, separados, o primeiro importaria numa obra estética e o segundo numa obra de sociologia do conhecimento (AC, 1945:10, grifos meus).

Os leitores da tese sabem que ela cumpre o prometido, ressaltando-se apenas que o primeiro tópico (uma "leitura interna" da obra de Sílvio Romero) alcança desenvolvimento muito maior do que o segundo, comprimido sobretudo no capítulo final — e aqui há de ser lembrado que a tese, como quase sempre é o caso, foi escrita sob pressão de prazo³. Temos então o equacionamento de uma análise interna, via reconstrução dos postulados da crítica romeriana, e um capítulo final de sociologia do conhecimento, que

(1) As remissões bibliográficas às obras de Antonio Candido ao longo do artigo são feitas dessa forma, no corpo do texto, com as iniciais do Autor seguidas pelo ano de aparição da obra e pela indicação, quando é o caso, dos números de páginas. Nas páginas 185 e 186 constam as referências bibliográficas completas, por ordem cronológica das primeiras aparições (N.E.).

(2) Cf. AC, 1945: 13-15. Afora isso, o Autor já havia publicado, na altura de 1961, os livros *Brigada ligeira* (São Paulo: Martins, 1945), *Ficção e confissão* (Rio de Janeiro: José Olympio, 1956) e *O observador literário* (São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1959), além de sua atividade como crítico de rodapé na *Folha da Manhã* e no *Diário de São Paulo* (1943-47) e na revista *Clima* (1941-44).

(3) Cf. AC, 1993b: 244; Galvão, Walnice N. "A militância não-partidária". In: Aguiar, Flávio (org.). *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Humanitas/Fundação Perseu Abramo, 1999, pp. 180-181.

compreende o pensamento enraizado nas condições históricas específicas de sua existência.

No "Prefácio" de 1961 há a defesa dos mesmos pontos de vista que reaparecerão em *Literatura e sociedade*, livro publicado em 1965 e que reúne textos escritos nos anos 1950 e início da década de 1960. O prefácio é contemporâneo — em sentido enfático — do livro, de sorte que alguns de seus trechos parecem provir do livro publicado em 1965, não fosse o tom algo polêmico, estranho em geral ao Autor. Assim o seguinte trecho:

Por tudo isto, a reimpressão do presente livro talvez sirva para mostrar a glória e a miséria dos dogmatismos, e fazer ver aos jovens (penso sobretudo nos meus alunos) de que modo as visões parciais do processo crítico e da natureza da obra literária têm a sua função histórica e seu risco teórico. Sílvia achincalhava o que lhe parecesse "esteticismo"; muitos dos críticos atuais repelem (de boca) o recurso a qualquer "fator externo". Em ambos os casos, posições parciais, apresentadas com a mesma imodéstia, deformando a inteligência plena do fenômeno literário, que se quer integralmente apreendido. Neste livro, quase no início de uma carreira, procurei, com as limitações pessoais e os poucos recursos do momento, sugerir uma crítica integrativa, superando os resquícios de naturalismo, que ainda sobreviviam, e mostrando as limitações do ponto de vista sociológico, então em grande voga e ao qual eu próprio aderira anos antes, ao começar a escrever (AC, 1945: 14-15, grifo meu).

Aqui estamos no cerne do programa delineado ao final do ensaio de abertura de *Literatura e sociedade*, que é o programa do próprio autor (AC, 1965: 15-16), reiterado ao final do "Prefácio à 3ª edição", datado de novembro de 1972 (AC, 1965: 2), e que, em meu entender, encontra sua realização máxima no livro que ombreia a *Formação*, isto é, *O discurso e a cidade*, em cujo prefácio reencontramos aquela mesma idéia da "crítica integradora" (AC, 1993a: 9). Como se vê, um arco amplo, da década de 1940 aos anos 1990. Mas estou adiantando o desenvolvimento.

Em *Introdução ao método crítico de Sílvia Romero*, Antonio Candido sublinha uma certa "visão filosófica, necessária ao verdadeiro historiador literário" (AC, 1945: 29). Digamos que, concebendo o que viria a ser a *Formação*, Candido deparou-se com um problema que não era apenas aquele do equacionamento entre análise imanente da obra e sua posição histórica, pois a isso se acrescia uma idéia que possibilitasse a *síntese*, e de que deriva o modo de concepção, formulação, apresentação e escrita do tema e problema. Trata-se então, no livro publicado ao final da década de 1950, não de uma "história da literatura brasileira", mas da "formação da literatura brasileira em seus momentos decisivos" — não me parece exagero dar alguma atenção ao título e ao subtítulo do livro. Há uma síntese operante

na *Formação*, sob o entendimento de que é possível um ponto de vista que, trabalhando um conjunto de momentos, configure um todo, mas sem a pretensão da completude. Esse o ponto que me parece importante e que exige reflexão.

O nexo cuja suposição aventuro é: isso relaciona-se fortemente com a filologia românica alemã de Curtius e Auerbach, autores que Antonio Candido vem a conhecer na década de 1940 (ou, o mais tardar, no início da década de 1950), provavelmente por intermédio de Sérgio Buarque de Holanda. Relembremos o "Prefácio da 1ª edição" da *Formação da literatura brasileira*, firmado em agosto de 1957, no qual se afirma que

este livro foi preparado e redigido entre 1945 e 1951. Uma vez pronto, ou quase, e submetido à leitura dos meus amigos Décio de Almeida Prado, Sérgio Buarque de Holanda e, parcialmente, outros, foi, apesar de bem recebido por eles, posto de lado alguns anos e retomado em 1955, para uma revisão terminada em 1956, quanto ao primeiro volume, e 1957, quanto ao segundo (AC, 1959: 10).

Ou seja, os trabalhos no que viria a ser a *Formação* sucedem imediatamente a conclusão da tese sobre Sílvia Romero e se estendem até 1951; a interrupção de 1951 a 1955 é devida à realização da tese de doutoramento em sociologia, defendida no final de 1954 e publicada, dez anos depois, com o título *Os parceiros do Rio Bonito* (AC, 1954). Uma vez concluído o doutoramento, Candido retorna à *Formação* com vistas à sua conclusão.

Em depoimento recente, Antonio Candido relatou que conheceu Sérgio Buarque de Holanda em 1943, mas seus contatos tornaram-se mais fortes a partir de 1944-45 (Sérgio muda-se para São Paulo em 1946). Não seria exagerado supor, portanto, um diálogo intelectual entre os amigos no final da década de 1940, quando Sérgio obtém, lê e comenta alguns livros novos que vêm do exterior (ou que obteve em viagem à Europa em 1949). Refiro-me especificamente a duas obras, lidas, meditadas e incorporadas por Sérgio em seus rodapés de crítica literária da época: *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter* (*Literatura européia e Idade Média latina*), de Ernst Robert Curtius, publicado em 1948 e já referido por Sérgio em 1949, e *Mimesis. Dargestellte Wirklichkeit in der abendländische Literatur* (*Mimesis. A representação da realidade na literatura ocidental*), de Erich Auerbach, publicado em 1946 e que Sérgio qualifica, em um rodapé no *Diário de Notícias* de meados de 1949, como "uma das obras capitais da crítica e da história literária dos nossos dias", dedicando-lhe no ano seguinte todo um rodapé no *Diário Carioca* — pelo que sei, a primeira resenha de *Mimesis* no Brasil⁴. O livro de Curtius, que é referido pela primeira vez num rodapé de 1949, vai se tornar uma referência fundamental para Sérgio, como se pode depreender claramente de *Visão do paraíso*, sua grande obra dos anos 1950, ao passo que Curtius também é um autor importante para os póstumos

(4) Holanda, Sérgio Buarque de. "Simbolismo e realismo". *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro), 24/07/1949, "Mimesis". *Diário Carioca*, 26/11/1950 (ambos conforme a republicação em *O espírito e a letra. Estudos de crítica literária*. Org. de Antonio A. Prado. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, vol. 2, pp. 124-129, 289-293). Cf. também "O romance burguês", *Diário Carioca*, 23/08/1953 (*O espírito e a letra*, pp. 579-583).

(5) Holanda, Sérgio Buarque de. "Descobrimos a infância". *Diário de Notícias*, 16/10/1949 (in: *O espírito e a letra*, loc. cit., p. 155); *Visão do paraíso. Motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo: Brasiliense/Publifolha, 2000 [1959]; *Capítulos de literatura colonial*. Org. e Intr. de Antonio Candido. São Paulo: Brasiliense, 1991, pp. 315, 319, 321. Embora o livro de Curtius não seja citado com frequência em *Visão do paraíso*, este seria inconcebível sem o enfoque dos *topoi* tais como concebidos e desenvolvidos por Curtius. Onde noto que dez anos depois, em terras bem distantes, o livro de Curtius recebeu um tratamento magistral na continuidade do estudo de um dos seus *topoi*.

(6) O tema merece certamente um estudo específico, que por ora não posso oferecer. Chamei a atenção para esse ponto em Waizbort, Leopoldo. "Desiguais porém combinados. Exemplo de influência e invenção na sociologia da cultura brasileira". In: Miceli, Sérgio (org.). *O que ler na ciência social brasileira. Segunda rodada*. São Paulo: Anpocs (no prelo).

(7) Auerbach, Erich. *Mimesis. Dargestellte Wirklichkeit in der abendländische Literatur*. 9ª ed. Tübingen/Basel: Francke, 1994 [1946], p. 518 [*Mimesis*. São Paulo: Perspectiva, 1998]; *Vier Untersuchungen zur Geschichte der französischen Bildung*. Berna: Francke, 1951, p. 7; *Literatursprache und Publikum in der lateinischen Spätantike und im Mittelalter*, Berna: Francke, 1958, pp. 22, 24.

(8) Curtius, Ernst Robert. *Europäische Literatur und lateinisches Mittelalter*. 3ª ed. Berna/Munique: Francke, 1961 [1948], p. 23 [*Literatura européia e Idade Média latina*. São Paulo: Edusp, 1996].

(9) Talvez se possa dizer o mesmo dos *Capítulos de literatura colonial* de Sérgio Buarque, ao menos tal como Candido os compreende: "Nesse trabalho, fica patente o [...] senso das coalescências, que dissolve as divisões de períodos e restaura o movimento da tradição, fazendo ver o jogo indissolúvel da semelhança e da diferença como peculiar ao processo histórico das literaturas, como instrumento mediante o qual o crítico deverá caracterizar cada autor, no que possui de próprio e comum" (AC, 1991: 23). Em meu entender, tal formulação inscreve-se com perfeição no programa de *Literatura européia e Idade Média latina*. Candido menciona ainda, no mesmo passo, o "sistema de tópicos" detectado e operado por Sérgio na análise da literatura colonial em plena consonância com a pesquisa de Curtius.

Capítulos de literatura colonial, escritos na maior parte, ao que parece, nessa década⁵.

Não será exagerado supor, portanto, que Antonio Candido, ao escrever a *Formação da literatura brasileira*, no final dos anos 1940 ou então nos anos 1950, tenha tido contato com a filologia românica de Auerbach e Curtius, por meio de Sérgio. Creio que esse contato é significativo para lastrear a concepção de história literária presente na *Formação*. Curtius e Auerbach, embora em muito divergentes, convergem precisamente no intuito de escrever história literária, mas rompendo com uma história que pretende completude: mediante o conjunto de momentos, suas histórias buscam e oferecem uma totalidade, mas não a completude. E oferecem uma totalidade aberta, que permite sempre novos "complementos"⁶. No caso de Curtius, novos "*topoi*" e novos desdobramentos; no caso de Auerbach, as "lacunas" a que fez menção ao final de *Mimesis* e no início dos dois outros livros que publicou posteriormente⁷. Por uma questão de rapidez e concisão, ofereço como exemplo uma formulação de Curtius no capítulo inicial de *Literatura européia e Idade Média latina* (o mesmo resultado, nesse ponto específico, pode ser obtido de uma discussão do problema em Auerbach, mas de modo mais demorado e complexo):

*Uma história narrativa e enumerativa oferece apenas um conhecimento dos fatos de modo similar a um catálogo. Ela deixa a matéria permanecer em sua configuração casual. Entretanto, a consideração histórica deve abrir sua porta e adentrar essa matéria. Deve formar métodos analíticos, isto é, aqueles métodos que "dissolvem" a matéria e tomam visíveis as suas estruturas*⁸.

Esse o modo como Curtius compreende a possibilidade da história literária como "totalidade" ("*Ganzheit*"), e o que Antonio Candido realiza nos "Momentos decisivos" é justamente esse "tornar perceptíveis as estruturas", mediante o mecanismo conceitual do "sistema literário" — idéia que, tantas vezes já discutida, deixo de lado neste esquema, não sem reconhecer sua importância⁹.

Com isso, vemos como Antonio Candido, formado na tradição francesa, a contrabalança com autores ingleses, italianos, norte-americanos e alemães, e no que diz respeito ao tópico "história literária", convém notar, sobretudo alemães. Nesse ponto cabe o depoimento de alguém muito próximo do Autor, Décio de Almeida Prado, justamente um dos leitores, junto com Sérgio Buarque de Holanda, da primeira versão da *Formação*:

A cultura germânica, de resto, parecia fasciná-lo, não menos, entre as estrangeiras, do que a francesa, a inglesa e a italiana. Foi ele que me propôs ter aulas de alemão, em companhia de Ruy Coelho e Lívio Xavier

[...]. Antonio Candido era o que mais faltava e o único que aprendeu alguma coisa¹⁰.

(10) Almeida Prado, Décio de. "O clima de uma época". In: Aguiar (org.), op. cit., p. 35.

No mesmo passo, Décio destaca o interesse de Candido pelo romantismo alemão, que, como se sabe, está na raiz da filologia românica alemã.

Já se disse que algo do novo de *Raízes do Brasil* é tributário, ao menos em parte, das leituras germânicas de Sérgio Buarque de Holanda (indico apenas o próprio AC, 1982a; 1980), o que se poderia dizer homologamente, *cum grano salis*, com relação à *Formação da literatura brasileira*, e o mesmo Sérgio não é aqui a figura de menor importância. Retomemos os elementos concretos que podem basear essa suposição: a leitura e o impacto de Curtius e Auerbach em Sérgio Buarque de Holanda; o fato de ele ter lido e opinado sobre a primeira versão da *Formação*; ter escrito sobre aqueles dois autores em seus rodapés de crítica literária; e, por fim, ter intercambiado literatura e referências com Candido — a ponto de, ao abandonar sua atividade como crítico regular de literatura, tê-lo presenteado com parte de sua biblioteca sobre o assunto¹¹. Seja dito, então, que na doação que Antonio Candido está fazendo de sua biblioteca para a da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP podemos encontrar livros que vieram da Alemanha com Sérgio Buarque — por exemplo, a monografia de Curtius sobre Joyce, publicada em 1929. E se levarmos em conta as instigantes formulações do próprio Antonio Candido ao sugerir o estudo da biblioteca como elemento da formação do espírito (AC, 1989: 218), não seria totalmente descabida a suposição do diálogo entre Sérgio e o autor da *Formação*. Aliás, a circulação de livros e idéias que indico nada mais é do que um programa formulado pelo mesmo Candido: "o aproveitamento possível das coleções individuais para investigar nossa história mental" (AC, 1989: 221).

(11) Cf. AC, 1982a; 1982b. Quem informa da doação de Sérgio é o próprio Candido (AC, 1991: 10).

Em suma, algo da filologia românica alemã, mesmo que apenas o espírito e não a letra, viu-se dentro da historiografia literária brasileira. E afirmando a presença e "influência"¹² da filologia românica alemã na história literária de Antonio Candido, compreendo que sua própria obra está inscrita naquela "dialética do localismo e do cosmopolitismo" que constitui como que "uma lei de evolução de nossa vida espiritual" (AC, 1965: 101).

(12) Para evitar mal-entendidos com esse termo, valem as formulações acerca do problema ao final de *O Romantismo no Brasil* (AC, 1990b: 96 ss.).

Para indicar uma última vez o problema em foco — um modo e possibilidade de escrever história literária —, vale lembrar um outro texto de Ernst Curtius, de 1949 (portanto imediatamente posterior à publicação de *Literatura européia e Idade Média latina*), intitulado "Retórica antiga e literatura comparada"¹³, no qual lança mão da idéia de "sistema literário" ("*Literatursystem*") em um sentido que, se não se confunde com o que lhe dá Antonio Candido, não deixa de ter com ele um traço essencial em comum. Sistema literário implica, para Curtius, a capacidade de uma literatura nacional de interpretar-se a si mesma, aspecto que estaria contido na concepção de sistema de Candido, talvez por outros caminhos, naturalmente tendo em vista o sistema consolidado e não propriamente em seus momentos decisivos de formação. Mas se lermos o "Resumo para principiantes" sobre a literatura

(13) Curtius, Ernst Robert. "Antike Rhetorik und vergleichende Literaturwissenschaft". In: *Gesammelte Aufsätze zur romanischen Philologie*. Berna/Munich: Francke, 1960 [1949], pp. 5-22.

brasileira de Candido (AC, 1987b) perceberemos bem que o "sistema literário consolidado" (assim o título do último capítulo do "Resumo") pode ser compreendido de modo similar (mas não igual) à idéia homônima de Curtius — penso por exemplo no caso de Machado de Assis, que segundo Candido "teve noção exata do processo literário brasileiro" e representa "um certificado de maioridade da literatura brasileira através da consciência crítica" (AC, 1987b: 55)¹⁴. Esse traço é exatamente o mesmo que Curtius pretende indicar em seu estudo.

Ora, não estou a dizer que Antonio Candido conhecia esse texto de Curtius e tomou dele a idéia de sistema literário, mesmo porque o modo de construção da noção é decerto divergente¹⁵. Mas quero destacar que encontramos em ambos uma saída similar para um problema similar, que é precisamente uma resposta à pergunta "como escrever história literária?". Tendo isso em vista, quero indicar ainda uma contraprova e uma outra dimensão do problema, agora de maneira ainda mais esquemática.

Em primeiro lugar, considere-se que as nossas histórias literárias produzidas até a *Formação* partilhavam da concepção da totalidade que é complexidade, e isso vale tanto para as histórias de nossa literatura nacional (Romero, Veríssimo, Carvalho, Amora etc.) como para as de outras literaturas nacionais. Uma olhadela nas histórias literárias citadas na *Formação da literatura brasileira* e em *O método crítico de Sílvia Romero* permite aquilatar bem o ponto: são histórias que começam com o início da literatura nacional e terminam no presente, enquanto literaturas do passado (como a grega) terminam com o "fim" da civilização em questão (o que seria o equivalente funcional da literatura nacional). Escrever história literária implica essa concepção específica de totalidade que vai do começo até o fim (quando muito, o fim é o presente). Em face disso, a *Formação* é completamente diferente. Estamos aqui, nos termos citados de Curtius, na diferença entre as histórias literárias que são como "catálogos" e as que adentram a matéria e desvelam suas estruturas¹⁶. Isso foi muito bem percebido e descrito por Roberto Schwarz, ao afirmar que "a formação da literatura brasileira é identificada como uma estrutura histórica", indicando o rumo de uma concepção de totalidade/unidade presente: "o essencial é descrever sua articulação interna, ou seja, a complementaridade funcional dos momentos e a regra de seu movimento, além do sistema de paradoxos e de ilusões que lhe corresponde"¹⁷.

Em segundo lugar, há a dimensão institucional. Por um lado, a crítica e a história literárias procuram seu lugar, que não está dado nem pela estética nem pela sociologia, na integração destas — daí a idéia, já desde o *Método crítico de Sílvia Romero*, da mencionada "crítica integrativa". O que é programa teórico (cf. infra) é também programa institucional para poder definir o lugar do crítico — que é professor universitário — e de seu pensamento e reflexão. Não por acaso, a tese de 1945 foi publicada, em 1963, como o primeiro *Boletim de Teoria Literária e Literatura Comparada* da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, área sob a responsabilidade do professor Antonio Candido desde 1961 (cf. AC, 1945: 8).

(14) Chamo a atenção para o fato de que essa idéia já está latente na tese de 1945, nas menções feitas a Machado de Assis (cf. AC, 1945: 28, 34-35). O problema encontra formulação também em entrevistas do autor, como por exemplo na seguinte passagem, acerca da *Formação*. "É de certa maneira um capítulo da formação do pensamento brasileiro no terreno da literatura, não só a produção dos textos literários, mas como, ao lado da criação dos textos literários, os brasileiros pensavam no significado histórico dessa elaboração" (AC, 1996:171).

(15) Valeria aqui o mesmo que o Autor indicou em outro contexto: "Eu cheguei a conclusão parecida por uma via puramente empírica, como é de meu feito..." (AC, 1996:161).

(16) Comentando um escrito de Sérgio Buarque de Holanda, Candido chama a atenção para uma maneira mais tradicional de conceber e escrever história literária, em contraste com uma maneira mais "independente". Tal distinção é feita no espírito do passo citado de Curtius (cf. AC, 1991: 13, 14, 16).

(17) Schwarz, Roberto. "Os sete fôlegos de um livro". In: *Sequências brasileiras*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, p. 50.

Há, nesse ponto, um paralelo instrutivo com a situação de Gustave Lanson (1857-1934). Na França, após Taine e Renan, nos anos ao redor da virada do século e sobretudo na Nouvelle Sorbonne, há um grande esforço de "criação de uma nova disciplina, a história literária, que reivindica para si o espírito científico e almeja a objetividade. Ela iria dominar rapidamente a universidade"¹⁸. Por isso encontramos em Lanson um trabalho em história literária que se vê incessantemente cobrado em sua cientificidade. A história de Lanson não é ciência, mas faz o possível para responder às exigências da ciência. Ela não é ciência (segundo os critérios de seu meio e momento histórico) por um motivo central: a fundamentação da história literária em França, na pena de Lanson, reivindica um amálgama de julgamento estético e espírito científico. A preservação do juízo de valor estético é fundamental para Lanson, e é esse o flanco atacado por seus opositores cientificistas. A tarefa e o desafio da história literária consistem então em unir essas duas pontas.

Para o presente esquema, cabe reter de Lanson a idéia de história literária como disciplina autônoma e que pretende incorporar o espírito científico (mesmo que não seja propriamente ciência¹⁹) e ao mesmo tempo preservar e garantir o espaço para o juízo estético na análise da obra literária — programa similar ao que encontramos na "Introdução" da *Formação da literatura brasileira* (desde seu rodapé inaugural como crítico titular da *Folha da Manhã*, Antonio Candido recusa a transformação da crítica em ciência; cf. AC, 1943: 169)²⁰. Mas Candido difere de Lanson no estatuto que vai dar à história literária. Lanson escreve a sua *Histoire de la littérature française* almejando a completude e totalidade, mesmo que ao custo de toda uma vida de estudos²¹, enquanto Candido renuncia à completude: sua história retém-se nos "momentos decisivos", o que é justamente o ponto de encontro com aquela concepção de história literária da filologia românica alemã.

O movimento aqui indicado apresenta uma similaridade interessante com o que podemos vislumbrar na tese sobre Sílvia Romero: é que este estaria em uma posição similar à que se atribui, na passagem acima, a Taine e Renan. Antonio Candido mostra-nos ao longo de sua tese como Sílvia trabalha com um conceito de crítica extremamente amplo, que está aquém e além de uma crítica propriamente literária²². Assim como a tarefa de Lanson foi definir a história literária, a tarefa de Candido é tornar a crítica especificamente literária. Assim como Lanson fundou a história literária na universidade, respondendo às exigências do conhecimento com o reconhecimento do "espírito científico", assim Candido implantará na universidade sua cadeira de teoria literária, e ambos não pouparam esforços para sedimentar o projeto. A institucionalização universitária dos estudos literários — cátedras, alunos, assistentes, boletins, cursos, livros, congressos, revistas etc., os mais variados meios de legitimação intelectual, disciplinar, acadêmica e institucional —, em meio a um processo de diferenciação das disciplinas, exige definir qual é o lugar dos estudos literários, o que vale dizer: quais são os seus objetos, quais seus métodos, se se trata de ciência ou não e assim por diante. É preciso

(18) Lanson, Gustave. *Histoire de la littérature française*. Remaniée et complétée pour la période 1850-1950 par P. Tuffrau. Paris: Hachette, 1968 [1894], p. 1.186.

(19) No ambiente francês, à diferença do além-Reno, a distinção entre as ciências da natureza e do espírito não se desenvolve tão fortemente. Candido, por seu lado, incorpora o avanço na discussão que é o debate alemão (em *Método crítico de Sílvia Romero*, cita Croce e Rickert; AC, 1945: 96). Mesmo Sílvia Romero, já a seu tempo, recusaria o cientificismo estrito na análise da cultura.

(20) Muito instrutiva para avaliar a dimensão extraordinária da empreitada de Antonio Candido é a consulta a Jauss, Hans Robert. "Literaturgeschichte als Provokation der Literaturwissenschaft". In: *Literaturgeschichte als Provokation*. Frankfurt/M.: Suhrkamp, 1974 [1970], pp. 144-207. Jauss — seja permitido anotar — muito teria ganhado se conhecesse a *Formação da literatura brasileira*. O ponto é que Candido a escreve, nos limites da história literária nacional, abdicando da completude, exatamente o que a filologia românica alemã tinha acabado de realizar, mas já tendo abandonado o parâmetro das literaturas nacionais.

(21) Lanson, op. cit. Lanson, Gustave. "La méthode de l'histoire littéraire". In: *Essais de méthode, de critique et d'histoire littéraire*. Org. de H. Peyre. Paris: Hachette, 1965 [1910], pp. 51-52. A completude foi um ponto muito importante para Lanson: devem-se a ele a incorporação definitiva da literatura da Idade Média nas histórias literárias francesas e o esforço de compor o corpo do que se veio a compreender como história da literatura francesa.

(22) "Quando falamos em crítica romeriana, portanto, devemos compreendê-la como atividade de análise e sistematização da cultura, apresentada, nos seus melhores exemplares, sob o ponto de vista histórico" (AC, 1945: 109).

Referências das obras de Antonio Candido citadas:

1943. "Ouverture". *Folha da Manhã*, 07/01/1943 (conforme a republicação em *Literatura e sociedade*, n° 5 – edição comemorativa, 2000, pp. 168-172).
1945. *O método crítico de Sílvio Romero*. São Paulo: Edusp, 1988.
1946. "A literatura e a universidade (II)". *Diário de São Paulo*, 20/06/1946 (conforme a republicação em *Literatura e sociedade*, loc. cit., pp. 239-242).
1954. *Os parceiros do Rio Bonito. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 9ª ed. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2001.
1956. "Possíveis raízes indígenas de uma dança popular". *Revista de Antropologia*, vol. 4, n° 1, 1956, pp. 1-24.
1959. *Formação da literatura brasileira. Momentos decisivos*. 8ª ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997, vol. 1.
1963. Carta de Antonio Candido a João Alexandre Barbosa, 14/01/1963. *Magma*, n° 2, 1995, pp. 31-35.
1965. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T.A. Queiroz/Publifolha, 2000.
1978. "Roger Bastide e a literatura brasileira". In: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, pp. 99-104.
1980. "Raízes do Brasil" (texto de 1967). In: *Teresina etc.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980, pp. 134-152.
- 1982a. "Sérgio em Berlim e depois". In: *Vários escritos*. 3ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995, pp. 323-335.
- 1982b. "Um verão, em Berlim". In: *Recortes* (loc. cit.), pp. 227-231.
1983. "Realidade e realismo (via Marcel Proust)". In: *Recortes* (loc. cit.), pp. 123-129.
- 1987a. "Acerca de André Gide". In: *Recortes* (loc. cit.), pp. 110-113.
- 1987b. *Iniciação à literatura brasileira (resumo para principiantes)*. 3ª ed. São Paulo: Humanitas, 1999.
1989. "O recado dos livros". In: *Recortes* (loc. cit.), pp. 216-221.
- 1990a. "Machado de Assis de outro modo". In: *Recortes* (loc. cit.), pp. 105-109.
- 1990b. *O Romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2002.
1991. "Introdução". In: Buarque de Holanda, Sérgio. *Capítulos de literatura colonial*. Org. de Antonio Candido. São Paulo: Brasiliense, 1991, pp. 7-23.

dar uma identidade ao domínio de conhecimento que pretende legitimar-se enquanto tal, e isso exige o programa de um modo de conhecimento que seja específico, a fim de não se confundir com outros. Assim, a crítica literária não pode ser nem estética nem sociologia, mas uma integração a conjugar ambas, figurada no estudo das obras literárias. Isso está dito no passo supracitado da reimpressão da tese de 1945 e será repetido em passo citado ao final.

Se isso faz sentido, vale citar extensamente um rodapé de 1946 em que esses problemas pulsam, prospectivamente, no jovem crítico. O rodapé tem o título, em tudo significativo, de "A literatura e a universidade", e mostra como Antonio Candido, logo após a tese sobre Sílvio Romero, está a matutar o problema da crítica e história literária:

No Brasil, há um certo impasse no movimento crítico, e não tenho dúvida de que a Universidade está chamada a trabalhar no sentido de resolvê-lo. Críticos "pessoais" temo-los de primeira ordem [...]. A tradição erudita, contudo, perdeu-se ao nascer, abafada pelo movimento do Recife, e a filosófica pouco progrediu depois dele. É impressionante como, entre nós, a crítica não contribuiu, depois de Sílvio Romero, com nenhuma obra sólida, amplamente arquitetada, para a compreensão de nossa cultura. Nos melhores casos, temos ótimos artigos que vão se encaixando periodicamente em livros [...]. Nada, porém, de um esforço largo e amadurecido de revisão de valores, de verdadeira filosofia da crítica. A nossa esperança, à vista do mau funcionamento das nossas jovens universidades, está agora presa à monumental História da literatura brasileira, sob a direção de Álvaro Lins. Dela pode brotar um verdadeiro rumo para os estudos de literatura brasileira, concebida ao mesmo tempo como trabalho erudito e construção da sensibilidade. Desse modo, o ponto de vista "universitário" será apresentado ao Brasil por um punhado de críticos não-universitários, excetuados dois ou três colaboradores. Esperemos que este esforço realmente gigantesco seja compreendido pelos poderes responsáveis pela educação, para que eles proporcionem às universidades os elementos necessários para retomá-lo e renová-lo sempre (AC, 1946: 242).

Dado o malogro da história coletiva de Álvaro Lins, coube justamente ao jovem professor universitário, ainda sem cadeira em sua área de predileção, escrever a obra que responderia ao desafio daquele "esforço largo e amadurecido de revisão de valores". Não há dúvida de que o diagnóstico dado na citação está a indicar o estímulo e a tarefa que o jovem crítico tomou para si: pensar e escrever a *Formação da literatura brasileira*. Além disso, não me parece pura elucubração afirmar que a publicação da *Formação* terá oferecido ampla e poderosa justificativa para a nomeação de Antonio Candido no momento de criação do curso de "Teoria Geral da Literatura" e sua posterior institucionalização em cadeira com a denominação "Teoria Literária

e Literatura Comparada", na virada da década de 1950 para a de 1960 (cf. AC, 1963).

Além disso, e voltando ao problema da "crítica integrativa", vale lembrar por um momento a crítica feita por Afrânio Coutinho à *Formação da literatura brasileira* na época da sua publicação: o livro de Antonio Candido seria uma história literária fundada sobre um conceito histórico-sociológico de literatura, e não estético; estaria a meio caminho entre Sílvio Romero e as exigências da teoria da literatura do momento (1960), pois que se tratava, no entender de Coutinho, de escrever uma história literária fundada sobre um conceito estético de literatura, dada a autonomia do estético — autonomia esta relegada pelo Autor ao embaralhá-la com o social e com o histórico²³. Justamente isso, no entender de Candido, seria a tarefa e o desafio da "crítica integrativa". Como ele menciona no início da *Formação*, o lastro social e histórico é um mecanismo regulador do juízo estético, funcionando como uma espécie de grade de referência, parâmetro em relação ao qual ele se situa e que dá sua cor específica.

Um campo do conhecimento em processo de especialização e autonomização, como o da teoria, crítica e história literárias, na busca de seu lugar e reconhecimento no interior do quadro das ciências e saberes, procura conquistar esse reconhecimento distanciando-se das formas que podem ser-lhe concorrentes. No caso de Antonio Candido, o elemento de diferença, a ser aferido no seu ajuste de contas com Sílvio Romero, é a introdução e defesa do juízo de gosto na crítica como contraparte e contrabalanço da visada científica que pautava o crítico sergipano, a passagem de uma "crítica sociológica" para uma "crítica": "o *externo* se torna *interno* e a crítica deixa de ser sociológica, para ser apenas crítica" (AC, 1965:8; cf. também AC, 1945: 106-112, páginas que merecem comentário em detalhe).

Essa significativa passagem ganha imensamente se pensada em conjunto com a tese de doutoramento de Gilda de Mello e Souza (na qual Sérgio Buarque de Holanda também desempenhou seu papel na rubrica "bibliografia alemã"), escrita sob a orientação de Roger Bastide e defendida em 1950, com o título *A moda no século XIX*, pois que um é o contraponto do outro, isto é, um completa o outro. Candido quer estabelecer autonomia em face de uma interpretação sociológica (em sentido estrito) e faz uma defesa do juízo estético sobre a obra, objetivando a "crítica integradora". Gilda, por seu lado, começa o seu estudo com um capítulo em que a moda é vista como fenômeno puramente estético, mas o movimento desse capítulo inicial é o de sair de uma análise exclusivamente estética do fenômeno cultural em pauta, a moda, em busca de uma análise que também leve em consideração os aspectos sociais, passando de uma perspectiva puramente estética para sua complementação com uma perspectiva sociológica. Nessa questão encontramos os vestígios do professor Roger Bastide e suas incursões na "sociologia estética". É muito revelador e prenhe de sentido o fato de que possamos ler na tese de 1950 um trecho que foi suprimido na sua posterior edição em livro, 37 anos depois²⁴. No texto da jovem autora, ela quer de início "agradecer a orientação valiosa do Prof. Roger Bastide, a quem devemos o interesse pelos

1993a. *O discurso e a cidade*. 2ª ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

1993b. "Mário e o concurso". In: *Recordes* (loc. cit.), pp. 241-244.

1996. Entrevista (06/06 e 30/09/1996). In: Jackson, Luiz Carlos. *A tradição esquecida. Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. São Paulo/Belo Horizonte: UFMG, 2002, pp. 125-176.

(23) Coutinho, Afrânio. *Conceito de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1960.

(24) Mello e Souza, Gilda de. *O espírito das roupas. A moda no século dezenove*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

(25) Mello e Souza, Gilda de. *A moda no século XIX*. São Paulo: tese de doutoramento, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, 1950, p. 6, grifos meus.

(26) Isso será desenvolvido em artigo posterior sobre a "sociologia estética/estética sociológica" nos escritos de Gilda de Mello e Souza. Ver, de Roger Bastide, *Psicanálise do café e estudos de sociologia estética brasileira*. Curitiba: Guaíra, 1941; "Carta sobre a crítica sociológica". *O Estado de S. Paulo*, 25/11/1944, "A propósito da poesia como método sociológico". *O Estado de S. Paulo*, 08 e 22/02/1946 (republicados em *Cadernos Ceru*, n° 10, 1977, pp. 13-17, 75-82); *Arte e sociedade*. Trad. de Gilda de Mello e Souza. São Paulo: Martins, 1945.

(27) Devo a Samuel Titan Jr., em palestra na FFLCH-USP em 2001, uma exposição magistral do movimento indicado nesse parágrafo.

(28) Creio que até hoje não foi observado que a epígrafe de *Os parceiros do Rio Bonito* traz exatamente o mesmo passo assombroso de La Bruyère que é citado e analisado por Auerbach em *Mimesis* (op. cit., pp. 348-349).

estudos de *estética sociológica*", mas ainda antes da defesa da tese corrigiu à mão a passagem, marcando "o interesse pelos estudos de *Sociologia Estética*"²⁵. Essa labilidade entre sociologia estética e estética sociológica, muito sintomática, está presente também em Bastide²⁶ e é um outro modo de formular a "crítica integrativa". Isso está dito pelo próprio Antonio Candido, ao comentar a obra crítica de Bastide (cf. AC, 1978; 1987a; 1990).

Um movimento aproximadamente inverso ao indicado no início da tese de Gilda estava em curso em Candido: uma análise que não se pautasse exclusivamente pela sociologia, mas resolvesse a dupla dimensão "autonomia da obra e sociedade" — *síntese* que encontrará formulação no início de *Literatura e sociedade* (cf. infra). Vale ainda enfatizar o percurso de Antonio Candido, que vai de *Introdução ao método crítico de Sílvia Romero*, passando pela primeira redação da *Formação*, depois pelos *Parceiros do Rio Bonito* (um livro também, mas não só, instigado pelos estudos de Sérgio Buarque de Holanda) e chegando à redação final da *Formação da literatura brasileira*.

O momento dos *Parceiros* tem grande importância, porque a pretendida análise do cururu mostraria uma forma artística ainda não autonomizada, em uma situação rural e rústica. Como não há propriamente autonomia artística nessa forma cultural caipira, a análise propriamente sociológica seria indispensável, a fim de situar com clareza o fenômeno no domínio cultural próprio (cf. AC, 1954: 11; 1965: 37-63). A autonomização das formas artísticas, visualizada no estudo sobre a persistência e mudança das formas de vida no mundo caipira, é contemplada em outra situação nos estudos da *Formação da literatura brasileira*, em que se pode perceber como se concretiza o processo de autonomização²⁷. Nesse sentido é exemplar o estudo sobre "A literatura na evolução de uma comunidade", de 1954 (republicado em AC, 1965), pois mostra claramente como se dá esse processo de definição e consolidação, teorizado mais detidamente em "Estímulos da criação literária", que fazia parte do pretendido estudo sobre o cururu e só foi publicado cerca de dez anos depois, em *Literatura e sociedade* (note-se, um livro dedicado ao casal Maria Amélia e Sérgio Buarque de Holanda).

O resultado do processo é que a redação definitiva da *Formação da literatura brasileira*, depois da propedêutica da *Introdução ao método crítico de Sílvia Romero*, do doutoramento e dos diálogos variados com Sérgio Buarque de Holanda, Gilda de Mello e Souza e Roger Bastide, implica já uma análise e compreensão dos nexos de literatura e sociedade, o que será teorizado, embora com a parcimônia característica do Crítico, em *Literatura e sociedade*.

Para concluir, chegamos a esta obra — parte, por assim dizer, da pós-história da *Formação* — que são os escritos subseqüentes de Antonio Candido. Então, Erich Auerbach torna-se uma referência constante (embora nem sempre nomeada) e um interlocutor dos mais importantes²⁸. O problema desloca um pouco de foco: não se trata mais propriamente de como escrever uma história literária nos termos em que se pensava na *Formação*. No final do primeiro texto reunido em *Literatura e sociedade*, Auerbach e seu *Mimesis* aparecem como modelo de crítica:

Num plano menos explícito e mais sutil, mencionemos a tentativa de Erich Auerbach, fundindo os processos estilísticos com os métodos histórico-sociológicos para investigar os fatos da literatura [em Mimesis]. Foi a propósito de tentativas semelhantes que Otto Maria Carpeaux aludiu a um método sintético, a que chamou de "estilístico-sociológico", na Introdução da sua magnífica História da literatura ocidental. Tal método, cujo aperfeiçoamento será decerto uma das tarefas desta segunda metade do século no campo dos estudos literários, permitirá levar o ponto de vista sintético à intimidade da interpretação, desfazendo a dicotomia tradicional entre fatores externos e internos, que ainda serve atualmente para suprir a carência de critérios adequados. Veremos então, provavelmente, que os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra (AC, 1965: 15).

Não é mistério algum que aqui se discorre acerca do próprio programa crítico de Antonio Candido. Seu último grande feito (até o momento) está firmado em *O discurso e a cidade* (AC, 1993a), livro que é um diálogo soberano com *Mimesis* (e se não se tem isso em vista não se o compreende adequadamente). Não por acaso, Candido como que parafraseia o título de Auerbach ao afirmar, em entrevista, que seu programa é "demonstrar efetivamente [...] de que maneira a realidade social ou psicológica se transforma em estrutura literária" (AC, 1996: 127, que reproduz AC, 1965: 1; 1993: 9). Seu pequeno texto sobre Proust (*klein aber fein*), publicado em *Recortes* (AC, 1983), também não deixa dúvidas acerca do diálogo com o filólogo alemão, e até mesmo nos depoimentos de alunos a presença de Auerbach é pontuada desde o início de sua atividade como professor de literatura²⁹.

Como disse de início, trata-se aqui apenas de um esquema parcial. A fundamentação de alguns movimentos esboçados exige desdobramentos mais longos, que deixo para outra ocasião. Na busca de "coincidências que asseguram a validade da reconstituição" (AC, 1954: 23), procurei tão-somente indicar um nexos sob o signo daquela aventura intelectual da suposição, e não sem temor do perigo, já lembrado pelo Crítico ao citar La Rochefoucauld: "O maior defeito da penetração não é ficar aquém do alvo, mas ultrapassá-lo".

(29) Em depoimento, Telê Ancona Lopez relembra o início dos anos 1960: "Além do *New Criticism*, Antonio Candido nos trouxe o encantamento de uma primeira leitura de Auerbach, que ainda não estava traduzido em português" (Lopez, Telê Ancona. "Ser aluna de Antonio Candido". In: D'Incao, Maria Ângela e Scarabôto, Eloisa F. (orgs.). *Dentro do texto, dentro da vida. Ensaio sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, pp. 43-44). Ver também Carone, Edgard. Entrevista (06/07/1996). In: Jackson, Luiz Carlos. *A tradição esquecida. Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antonio Candido*. Belo Horizonte: UFMG, 2002, pp. 185-186.

Recebido para publicação em 19 de agosto de 2002.

Leopoldo Waizbort é professor do Departamento de Sociologia da USP. Publicou nesta revista "Pequena sociologia da nota de rodapé" (nº 48).

Novos Estudos
CEBRAP

N.º 64, novembro 2002
pp. 177-188
